

Sonhos Despedidos

Sonhos Despedaçados

Após a noite longa e escura, virá o amanhecer

Larry Crabb

Traduzido por
SUSANA KLASSEN



Editora Mundo Cristão
São Paulo

Conteúdo

Introdução – Um novo caminho	7
A Parábola	15
1. Meu problema com Deus	21
2. Precisamos de uma boa história	31
3. As palavras de Jesus	43
4. Quando tudo dá errado	53
5. O ritmo da esperança	61
6. Quebrando as regras	69
7. Esperança oculta	75
8. Tudo me ajuda a chegar mais perto de Deus	83
9. Desejo ou vício?	91
10. O Deus elusivo	101
11. Entrega e confiança	111
12. Sua paixão contida	119
13. Um inferno de misericórdia	127
14. Um estranho brinde de casamento	137
15. A vida deveria funcionar	145
16. Nem sempre é bom se sentir bem	153
17. As três lições do quebrantamento	161
18. Nosso maior sonho – se ao menos o conhecêssemos...	169
19. Um sonho realizado	177
20. Há uma nova maneira de viver – e ela é possível	183
21. A jornada rumo à alegria	191
Notas	201

Um novo caminho

Ao escrever este livro, tenho em mente três idéias. A primeira é: *Deus quer nos abençoar.*

Numa época em que todas as bênçãos que os judeus esperavam desfrutar lhes foram tiradas, Deus falou de um dia no futuro em que “não deixarei de lhes fazer o bem... Alegrar-me-ei por causa deles e lhes farei bem” (Jr 32:40-41).

Esse dia chegou e, agora, Deus está se relacionando conosco de uma forma diferente. Nossa maldade não é um empecilho para a bênção, assim como nossa bondade não é uma condição para sermos abençoados.

Nessa nova abordagem de Deus, ele nos abençoa simplesmente por que nos ama – pois somos seus filhos amados e ele deseja se revelar por intermédio de nós. Essa idéia não ocupa apenas minha mente, mas também meu coração. Deixe-me colocar isso em termos ainda mais claros.

Desde o dia em que cremos em Cristo até o dia em que o veremos, não há um momento sequer no qual Deus não anseie por nos abençoar. A cada momento, a cada circunstância, Deus está fazendo o que é bom para nós. Ele nunca pára, pois é algo que lhe dá prazer demais. Deus não está esperando as dificuldades passarem para então nos abençoar. Ele está nos abençoando neste instante e através dessas dificuldades. Neste exato momento, ele está nos dando aquilo que acredita que é bom.

Claro que há um detalhe a ser considerado: Deus nos dá aquilo que *ele* acredita que é bom, aquilo que ele *sabe* que é bom. Nem sempre *nós* concordamos.

Temos nossas próprias opiniões sobre o que um Deus bom deve fazer em meio às nossas circunstâncias, opiniões que vão desde abrir uma vaga perto da entrada num estacionamento de *shopping center* lotado ou patrocinar nossos sonhos de ministério, até colocar nossos filhos na linha ou nos dar um resultado de biópsia que nos faz respirar aliviados.

São essas idéias que servem de empecilho para percebermos o que, de fato, é a bondade. Como filhos, cremos que um pai amoroso deveria nos dar sorvete sem antes ter de nos obrigar a comer espinafre. A bondade é igual ao sorvete – por certo não é o espinafre.

No entanto, nosso problema é ainda mais grave. Não apenas queremos aquilo que é agradável de imediato – e, com frequência, não gostamos daquilo que é verdadeiramente bom –, como também não temos noção daquilo que nos daria mais prazer se isso nos fosse dado. *Existe* um sorvete celestial com o valor nutritivo do espinafre e ele está ao nosso alcance agora, nesta vida.

Com isso, chegamos à segunda idéia que me motiva enquanto escrevo:

O maior sonho que seríamos capazes de sonhar – o desejo que, se fosse concedido, nos faria mais felizes do que qualquer outra bênção – é conhecer a Deus e ter experiências reais com ele. Infelizmente, não acreditamos que isso é verdade. Fazemos que “sim” com a cabeça, mas “não” é o que sentimos no coração.

Não podemos evitar o desejo de ser feliz, e esse desejo não deve ser motivo para justificativas. Fomos criados para a felicidade e nossa alma anseia por aquilo que, acreditamos, nos dará o maior prazer possível. Acontece que ainda não estamos cientes de que esse maior prazer é um relacionamento íntimo com Deus.

Mesmo sem saber, almejamos por um encontro com Deus que crie uma experiência muito mais íntima que qualquer casal de noivos tenha desfrutado em sua noite de núpcias, uma experiência com uma profundidade que trará mais satisfação do que o casal mais feliz de todos os tempos

já comemorou em suas bodas de ouro. Porém, em nossa insensatez, procuramos essa experiência nos lugares errados. Usando a linguagem da Bíblia, cavamos cisternas rotas para saciar nossa sede, enquanto passamos direto pela fonte de água pura que é Deus.

O abraço divino

Deus quer nos abençoar. Essa é a primeira idéia. Por causa de seu desejo irresistível de nos dar o que há de melhor, está determinado a nos oferecer um encontro com ele. Essa é a maior bênção que ele pode imaginar. É o maior sonho que a alma humana, com sua consciência própria, é capaz de conceber.

No entanto, não temos essa consciência própria. Estamos desligados do anseio fundamental de nosso coração. *O que queremos é um encontro com Deus, mas não sabemos disso.* Essa é a segunda idéia. Deixe-me desenvolvê-la um pouco mais.

Temos sonhos inferiores e acreditamos que não existem outros mais elevados. Sonhamos com um bom casamento, filhos talentosos, saúde e dinheiro suficientes para gozar a vida, um trabalho gratificante e uma oportunidade de fazer diferença no mundo. São todas coisas boas e claro que as queremos. Acreditamos, porém, que elas são *o que há de melhor*. É a isso que Deus se refere quando nos chama de insensatos.

Na antiga maneira de nos relacionarmos com Deus, quando ele era distante e inacessível, seria difícil imaginar alguma coisa melhor do que as bênçãos da vida, em que todos esses sonhos menores são benefícios legítimos.

Dentro da nova maneira de nos relacionarmos com Deus (aquilo que os teólogos chamam de Nova Aliança), ele está presente e disponível. Está aqui, neste momento. Quando Jesus clamou: “Está consumado”, o Deus inacessível de santidade assustadora abriu seus braços e nos convidou a sentir o seu abraço.

A maior de todas as bênçãos não é mais a bênção de uma boa vida – nunca foi. Agora, é a bênção de um encontro com Deus – como sempre foi. Nessa nova abordagem, o maior de todos os sonhos é acessível.

Só que não enxergamos as coisas dessa maneira, de modo que Deus trabalha para nos ajudar a ver mais claramente. Às vezes, ele trabalha em

nossas vidas para permitir que nossos sonhos inferiores sejam destruídos. Ele permite que sofram e não alivia a nossa dor. Sofremos enquanto ele fica por perto sem fazer coisa alguma para ajudar, pelo menos nada daquilo que desejamos conscientemente que ele faça.

Na verdade, enquanto sofram ele está nos conduzindo para as profundezas de nosso ser, para o centro de nossa alma, onde sentimos nossas paixões mais ardentes.

É ali que descobrimos nosso anseio por Deus. Começamos a sentir um desejo de conhecê-lo que não apenas sobrevive à toda nossa dor, como também cresce em meio a esse sofrimento até tornar-se um desejo mais intenso do que nosso anseio por todas as coisas boas que ainda queremos. Através da dor dos sonhos destruídos, despertamos para a compreensão de que queremos um encontro com Deus mais do que almejamos pelas bênçãos da vida, e isso dá início a uma revolução interior.

Essa é a terceira idéia. Permita-me expressá-la da seguinte maneira:

Nossos sonhos despedaçados nunca são obra do acaso. São sempre uma peça de um quebra-cabeça maior, um capítulo de uma longa história.

A dor é uma tragédia, mas nunca a única tragédia. Para o cristão, é sempre mais um quilômetro que deve ser percorrido na longa jornada rumo à alegria.

O sofrimento causado pela destruição dos sonhos não deve ser considerado algo a ser – se possível – aliviado, nem algo a ser suportado caso não haja outra saída. É uma oportunidade a ser aproveitada, uma chance de descobrir nosso desejo pela bênção mais elevada que Deus deseja nos dar – um encontro com ele.

Este livro é um convite a provar e ver que o Senhor é bom, mesmo quando nossa vida desaba. Repetindo as três idéias a partir das quais se desenvolve esse convite:

1. *Deus quer nos abençoar.* Ele se realiza fazendo seus filhos felizes. Sente-se como os pais no Natal, quando esperam com ansiedade ver seus filhos desembrulharem os presentes em meio a exclamações de prazer.

2. *O prazer mais profundo que somos capazes de experimentar é um encontro com Deus.* Nessa nova maneira de Deus se relacionar com as

pessoas, ele faz o que é absolutamente melhor para nós ao tornar-se acessível a fim de ser desfrutado e ao providenciar para que busquemos um encontro com ele com mais intensidade do que buscamos qualquer outra coisa.

Porém, quase sempre confundimos prazeres menores com esse que é o maior prazer de todos, e vivemos correndo atrás dos prazeres secundários. Estamos desligados de nosso anseio por Deus.

3. Assim, o Espírito Santo desperta em nós esse anseio. *Ele usa a dor da destruição dos sonhos para nos ajudar a descobrir nosso desejo por Deus*, para nos ajudar a começar a sonhar o sonho mais elevado. Os sonhos não são destruídos por acaso. São oportunidades para o Espírito nos despertar e depois satisfazer nosso sonho mais elevado.

É isso que tenho em mente ao escrever *Sonhos Despedaçados*. Aquilo que digo neste livro me parece ser um início providenciado pelo Espírito e, portanto, adequado ao chamado de Deus para o resto de minha vida. Creio que você poderá aproveitar melhor este livro se entender o chamado que ele começa a responder.

Meu chamado

O Espírito de Deus me instruiu a concentrar minha vida e meu ministério em três palavras: *encontro*, *comunidade* e *transformação*.

Sinto o chamado de Deus para ter um *encontro* com ele de uma forma que preenche minha alma com mais alegria do que qualquer outra experiência e para conduzir outros a um encontro semelhante. Pelo fato de eu não poder providenciar para que esse encontro ocorra, nesses últimos tempos, vejo-me suplicando muito mais por misericórdia soberana do que por uma competência prática.

Sinto o chamado de Deus para desenvolver e participar de uma *comunidade* onde ninguém permanece desconhecido, inexplorado, escondido ou intocado; onde descobrimos nosso verdadeiro ser interior, onde percebemos que somos, na verdade, seguidores fervorosos de Jesus, e por isso nos tornamos amigos espirituais. Quero ajudar as pessoas de todo o mundo a desfru-

tar esse tipo de comunhão. Diante da enormidade dessa tarefa, estou mais inclinado a orar do que a ser motivado pela criação de estratégias.

Sinto o chamado de Deus para compreender melhor, praticar e ensinar a arte da orientação espiritual que, na minha concepção, é um diálogo guiado pelo Espírito no qual ocorre uma profunda *transformação* da personalidade humana. Quero fazer tudo o que puder para que ninguém ande sozinho, para que toda pessoa que anseia encontrar Deus e desfrutar da comunhão possa ter acesso a um orientador espiritual para guiá-la nessa busca. As visões que podemos controlar não estão à altura de um Deus que não pode ser controlado. Essa visão parece ser digna dele.

Esse chamado em minha vida me colocou, como nunca antes, em contato com minhas inadequações e minha dependência da capacitação divina. Mas reconheço também minha responsabilidade de prosseguir. Certo de que Deus nos deu tudo de que precisamos para encontrá-lo – desfrutar a comunhão e experimentar uma transformação pessoal –, meu desejo é ver o início de uma Escola de Amizade Espiritual que ajudará as pessoas a aproveitar melhor os recursos vivificadores que estão à sua disposição nos pequenos grupos. (Uso termo *escola* não no sentido institucional, mas com referência a um movimento coletivo e orientado de aprendizado e exploração.) Meu desejo é ver o desenvolvimento de comunidades dentro das quais as pessoas são conhecidas, sondadas, descobertas e tocadas, de modo que seu verdadeiro ser interior como seguidoras de Cristo possa ser liberado.

Também quero ver uma Escola de Orientação Espiritual fundada com o objetivo de preparar homens e mulheres mais maduros para, com sabedoria e bondade, entrar no mundo interior de outras pessoas a fim de acompanhar a trilha do Espírito à medida que ele opera para torná-las mais semelhantes a Cristo. Visualizo pessoas que desistiram das esperanças de um dia alcançar a plenitude e as imagino experimentando um grau de transformação que supere seus sonhos mais fantásticos, de modo que quem as vê exclame: “Glória a Deus!”, em vez de comentar: “Fico feliz que você encontrou um bom terapeuta”.

A maior prioridade – o alicerce para a vida em comunhão com outros e para a transformação pessoal – é um encontro com Deus. A nova manei-

ra de nos relacionarmos com Deus torna esse encontro possível e abre caminho para nos aproximarmos do Senhor.

Quer você esteja passando por um período de bênção ou de dor, convido você a me acompanhar nesta jornada rumo à alegria, a viver além dos sonhos despedaçados. Ao tomarmos esse caminho, passaremos por algumas noites escuras, mas não é preciso esperar pelo amanhecer para se alegrar. O amanhecer virá, mas, neste momento, você pode aceitar o seu sofrimento como uma oportunidade para encontrar-se com Deus, para chegar-se a ele com uma paixão de tal modo libertadora que você poderá se aproximar de algumas pessoas numa comunidade autêntica e experimentar uma verdadeira transformação em sua vida pessoal, especialmente em sua maneira de amar os outros.

Que possamos confiar no Espírito de Deus para usar os recursos de Cristo a fim de nos conduzir para os braços do Pai, mesmo se os sonhos despedaçados fizeram parecer muito difícil sonhar outra vez. É isso que a nova maneira de nos relacionarmos com Deus torna possível.

Que comece a revolução!

A parábola

A vida do homem era agradável e sua adoração era razoável. As duas coisas sempre andam juntas.

Deus não estava contente, de modo que permitiu que a vida do homem se tornasse desagradável. O homem reagiu de imediato com espanto: “Como é possível? Como isso pôde acontecer comigo?”

Por trás do seu espanto se escondia a presunção, mas o homem não conseguia enxergá-la, pois pensava que era confiança: “Logo isso passa. Deus é fiel. A vida voltará a ser agradável”. Sua adoração continuava superficial.

Deus não estava contente e permitiu que mais coisas desagradáveis acontecessem na vida do homem, que tentou lidar com suas frustrações de forma positiva, como alguém que confia em Deus. “Serei paciente”, resolveu.

Não percebeu, no entanto, que seus esforços para ser paciente vinham da convicção de que ele merecia uma vida agradável. Não ouviu seu próprio coração dizer: “Se eu for paciente, Deus tornará as coisas agradáveis outra vez. Essa é a função dele”.

Sua adoração tornou-se uma forma de convencer Deus a restaurar sua vida agradável.

Deus não estava contente, de modo que afastou um pouco mais sua cerca de proteção ao redor do homem. A vida do homem transformou-se numa desgraça.

O homem ficou zangado. Deus parecia indiferente, impassível, insensível. A porta do céu se fechou e o homem sabia que não havia meio de forçá-la a se abrir.

Ele só conseguia pensar em dias melhores – não nos dias melhores por vir, mas naqueles do passado, tempos que não existiam mais, que não davam qualquer sinal de que voltariam.

Seus maiores sonhos eram poder voltar àqueles tempos, voltar à vida agradável que um dia havia desfrutado e aos tempos em que sentira aquilo que chamava de alegria.

Não podia imaginar um sonho melhor do que voltar ao que era antes, mas sabia que a vida nunca anda para trás. Os adultos nunca voltam a ser crianças e os idosos nunca recuperam a energia de seus anos mais produtivos.

Assim, o homem perdeu as esperanças. Deus havia retirado sua bênção e não havia qualquer sinal de que mudaria de idéia.

O homem entrou em depressão. Sua adoração cessou.

Deus não estava contente, de modo que liberou as forças do inferno sobre a vida do homem.

Tentações que antes eram controláveis tornaram-se irresistíveis. A dor de viver era tão grande que o prazer – ou, na verdade, alívio – oferecido pelas tentações parecia razoável e necessário. Porém, depois do prazer vinha um novo tipo de dor, uma aflição que obscurecia sua alma de tal modo que nem o sol mais radiante podia penetrar.

Tudo que o homem conseguia ver era a sua dor. Não conseguia ver Deus. Pensava ser capaz de vê-lo, mas o deus que enxergava era aquele cuja única função consistia em aliviar sua dor. Podia imaginar esse deus, mas não conseguia encontrá-lo.

Dirigia-se ao único deus que conhecia e suplicava por sua ajuda. Por trás de suas súplicas quase podia ouvir seu coração dizendo: “Você me *deve* essa ajuda. Jamais poderei crer que merecia que tudo isso acontecesse. Essa dor não é minha culpa. Ela é culpa sua”.

Sua adoração havia sempre assumido a forma de exigência, mas essa exigência tornou-se tão óbvia que o homem era quase capaz de reconhecê-la.

Deus não estava contente e, portanto, deixou que as lutas persistissem. Além disso, Deus permitiu que mais problemas entrassem na vida do homem.

Com a parte do coração que sonhava seus maiores sonhos, o homem se assegurou de que jamais teria de enfrentar essas novas dificuldades que agora se encontravam em sua vida. Durante anos, havia dito em seu coração (sem nunca, na verdade, ter ouvido): “*Isso* jamais poderia acontecer comigo. Se acontecesse, minha vida estaria acabada. Se isso acontecesse, não teria outra escolha senão concluir que Deus não é bom. Seria obrigado a rejeitar Deus e ninguém, nem mesmo Deus, poderia me culpar”.

Mesmo assim, o homem não conseguia ouvir o que seu coração estava dizendo. Em vez disso, conseguia ouvir uma voz sedutora que fazia a pior tentação que já havia enfrentado – perder a esperança em Deus – parecer nobre, corajosamente desafiadora. Essa era a única maneira que restava do homem encontrar-se.

A batalha tornou-se cada vez mais acirrada, mas ainda restava uma centelha de esperança. O homem se agarrou a essa esperança e, ao fazê-lo, não pôde ouvir seu coração dizer: “Tenho todo o direito de desistir da minha fé. No entanto, estou escolhendo o caminho verdadeiramente nobre. Ainda creio em ti, Senhor. Ainda creio que tu estás presente e que minhas mais fervorosas esperanças de alegrias – quaisquer que ainda restem – encontram-se em ti. Por acaso *isso* te impressiona? Se isso não te impressiona, meu Deus, então o que te comove?”

Sua adoração tornou-se mais desesperada do que nunca, mas o homem continuava orgulhoso.

Deus não estava contente e por isso permitiu que as atribuições do homem persistissem e que sua dor continuasse sem alívio. Deus se manteve afastado do homem. Não ofereceu nenhum conforto nem motivo palpável para esperanças. Foi difícil para Deus não melhorar todas as coisas na vida do homem. No entanto, foi ainda mais difícil não se revelar diretamente ao homem e assegurá-lo de sua presença.

Mas ele não fez isso. Deus tinha para o homem um sonho maior do que uma volta à vida agradável. Desejava que o homem encontrasse a verdadeira alegria. Ansiava por restaurar as esperanças do homem naquilo que era mais importante. No entanto, o homem ainda não sabia o que era isso.

A névoa ao redor da alma do homem tornou-se tão espessa que ele podia senti-la, como paredes o cercando e se fechando ao seu redor. Restava

apenas mistério; sem dúvida, havia medo e até mesmo pavor, porém o sentimento mais acentuado era o de mistério, o mistério de uma vida terrível e de um Deus bom.

Onde *estava* Deus? Quando o homem tornou-se mais consciente de sua necessidade de Deus, o Senhor desapareceu. Não fazia sentido algum. Afinal, Deus estava presente ou não? Se estava, será que se importava?

O homem não podia desistir de Deus. Lembrou-se de Jacó e começou a lutar. Porém, lutou na escuridão, em trevas tão densas que não conseguia mais enxergar seus sonhos de uma vida agradável.

Na escuridão profunda, não se pode ver, mas se pode ouvir. O homem pôde ouvir, pela primeira vez, o que seu coração estava dizendo.

“Abençoa-me!”, clamou. Do mais profundo de sua alma, podia ouvir palavras que refletiam uma determinação de não se desprender de Deus.

“Abençoa-me! Não porque eu sou bom, mas porque tu és bom! Abençoa-me! Não porque mereço tua bênção, mas porque é da tua natureza abençoar. Tu não podes evitar. Não apelo para quem eu sou. Tu não me deves coisa alguma. Apelo apenas para quem tu és.”

A dor ainda estava lá, mas então o homem viu Deus. E o clamor por bênçãos não era mais sua voz exigindo uma vida agradável. Era um clamor por aquilo que Deus queria fazer, por quem ele era. O homem sentiu algo diferente – o começo da humildade. Mas justamente a natureza desse sentimento impediu-o de ver o que era.

O homem havia esquecido de si mesmo e descoberto seu desejo por Deus. Não encontrou Deus de imediato, mas tinha esperança – esperava que pudesse experimentar aquilo pelo que sua alma ansiava mais profundamente.

Então, seus olhos se abriram e ele viu água fresca borbulhando de uma fonte no deserto de sua alma. Era um novo sonho. Podia ver seus contornos tomarem forma. Era um sonho de conhecer a Deus verdadeiramente e de revelá-lo num mundo desagradável. O sonho adquiriu um enfoque específico: o homem viu de que modo poderia conhecer a Deus e revelá-lo a outros de uma forma só *sua* e de mais ninguém. Foi como voltar para casa.

Percebeu, no mesmo instante, que seu poder de falar a outros em nome de Deus e em meio à vida desagradável deles dependia da capacidade

de falar do meio de seus dissabores. Nunca antes havia se sentido grato por suas dificuldades.

Seu sofrimento tornou-se, para ele, uma passagem para o coração de Deus. Compartilhou a dor de Deus em seu grande projeto de redenção. Ao sofrer junto com Deus por uma mesma causa, o homem sentiu-se ainda mais próximo do Senhor.

Um novo pensamento lhe ocorreu. “Unir-me-ei a quaisquer forças que estejam em oposição à raiz desse desprazer. Aliar-me-ei à bondade contra o mal. Não esperarei até ver mais claramente; farei o serviço que minhas mãos encontrarem. No entanto, permanecerei perto de minha fonte. Minha alma tem sede. Uma vida agradável não é água para minha alma; aquilo que vem de Deus – quem quer que seja Deus –, isso sim, é a única e verdadeira água. E ela me basta”.

O homem adorou a Deus e Deus se agradou dele. Assim, Deus manteve a água borbulhando da fonte para a alma do homem. Quando o homem não bebia todas as manhãs dessa fonte ou não voltava todas as noites para saciar-se outra vez, sua sede tornava-se insuportável.

Algumas coisas em sua vida melhoraram, enquanto outras não mudaram. Outras pioraram.

Mas o homem possuía novos sonhos e eram sonhos maiores do que uma vida agradável. Encontrou a coragem para buscá-los. Tornou-se um homem esperançoso e sua esperança trouxe consigo a alegria.

Deus estava muito contente. E o homem também.

Meu problema com Deus

Faço parte de uma minoria afortunada, pois tenho amigos de verdade. Sem hesitar, posso citar o nome de meia dúzia de pessoas com as quais sei que tenho um bom relacionamento. Para ter certeza de que não estou enganando a mim mesmo, acabei de escrever seis nomes do lado de fora de um envelope pardo onde estou guardando os primeiros rascunhos para este livro.

Agora, entre um gole e outro de café com leite numa padaria, olho para os nomes que escrevi. Uma impressão me acerta em cheio de imediato. *Os amigos que entraram em minha lista são todos amigos que fazem algo por mim.* Não é aquilo que eu faço por eles que me levou a incluir o nome deles na lista, mas aquilo que eles fazem por mim.

Meu primeiro impulso é me sentir egoísta.

Posso pensar em várias pessoas, aliás um número considerável de indivíduos que falaria com carinho daquilo que faço ou fiz por eles, mas não estão na lista. É verdade que cada uma das seis pessoas cujos nomes anotei diria que sou muito importante para ela, mas não é por isso que esses nomes estão na lista. Pensei neles pois são extremamente importantes para mim.

Jesus nos disse que é mais abençoado dar do que receber. Se cresse mesmo nisso, então talvez os nomes em minha lista seriam outros. Ao que parece, as pessoas com as quais mais tenho alegria em me relacionar são aquelas que me dão algo, e não aquelas que me oferecem a oportunidade de dar.

As pessoas da minha lista preocupam-se com aquilo que me interessa. Elas usam seus recursos em meu favor e, quando tenho uma necessidade, sempre que podem, elas a suprem. É algo de que gosto nesses meus amigos.

O nome de Rachael aparece no alto da lista. Ela sabe o quão cansado e frustrado tenho me sentido nesses últimos meses. Ela marcou uma consulta para mim num médico especialista – que analisa o sangue com um microscópio superpotente e que já ajudou muita gente a se sentir melhor. Também encontrou uma semana para sairmos um pouco e já fez todos os preparativos. Não posso imaginá-la retendo para si qualquer coisa que eu desejasse e que estivesse em seu poder me dar.

O mesmo vale para os outros cinco nomes. A expressão é batida, mas verdadeira: eles fariam qualquer coisa por mim. Por isso estão na minha lista.

Como uma criancinha

Assim, o que me resta é um fato óbvio: as pessoas que mais prezo no mundo todo são pessoas com as quais posso contar e que fariam por mim aquilo que mais desejo. Suspeito que, se você escrevesse o nome de seis pessoas cuja amizade você mais estima, a mesma coisa ficaria clara.

Ao refletir sobre esse fato, nosso impulso imediato – especialmente se somos cristãos – é concluir, com um sentimento de culpa, que estamos horriavelmente afundados em nosso egocentrismo repugnante.

Essa seria a conclusão à qual chegaria a respeito de mim mesmo, se não fosse pelas palavras de Jesus aos seus discípulos: “Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira alguma entrará nele” (Lc 18:17).

A característica mais visível das criancinhas (o termo que Jesus usa referir-se a crianças bem pequenas) é que desejam apenas receber, o que muitas vezes não é nada atraente. Cornelius Planting Jr. ressalta que, quando Jesus disse essas palavras, *não* estava sendo sentimental. Não estava dizendo: “Olhem para essas gracinhas. Como são fofas! Deixe-me pegar cada uma delas no colo”.

Na verdade, quando repreendeu seus discípulos por ordenarem que uma porção de pais parasse de perturbar Jesus com todas aquelas criancinhas

irritantes, estava dizendo algo bem diferente. Se estivéssemos lá, teríamos entendido suas palavras como: “Ninguém é mais carente e tem menos a oferecer do que uma criancinha. Os bebês jamais dão intencionalmente alguma coisa de valor a alguém. Claro que são gostosos de segurar e fascinantes de observar, mas não porque eles o desejam. As crianças nunca pensam em formas de abençoar. Seu desejo total e absoluto é receber, não apenas porque são *egoístas* (apesar de o serem), mas porque são *impotentes*. Sejam assim! Vocês *são* impotentes, portanto admitam esse fato. Aprendam a receber aquilo que não são capazes de prover para si mesmos”. Ele estava recomendando o quebrantamento, algo que fazemos de tudo para evitar.

Frederick Buechner escreveu: “Não apenas é melhor dar do que receber, como também é muito mais fácil”. Creio que sei o que ele quer dizer. Para mim, é muito mais fácil aconselhar do que ser aconselhado, estender a mão para um amigo de meu pequeno grupo que está se sentindo inseguro do que revelar minha própria insegurança. Não gostamos de admitir o quão avidamente ansiamos pela bondade e o envolvimento de alguém. É humilhante ao extremo.

E é justamente por isso que Jesus disse essas palavras. Ele queria que nos humilhássemos, que disséssemos para alguém quando precisamos demais de um abraço ou de um pouco de tempo, que disséssemos para o Espírito que precisamos que ele transforme nosso coração, que confessássemos à nossa comunidade de amigos íntimos as fraquezas que já deveríamos ter tratado.

Ouçõ Jesus nos dizendo para deixar de negociar com ele, parar de oferecer algo que pensamos ter em troca de suas bênçãos. “O que você tem que eu precise?”, o Senhor está nos perguntando. “Veja só, suas fraldas estão sujas. Desde que você nasceu, aborrece a todos com suas cólicas. Além disso, é totalmente desajeitado. Toda vez que anda com seus passos vacilantes pela casa, quebra alguma coisa. Tudo o que você sabe fazer é receber o que precisa de alguma outra pessoa que tem algo de que você carece. Quando você admitir como é vazio, então providenciarei para que seja preenchido”.

Quando ouçõ Jesus me dizer para ser semelhante a uma criança, fico mais consciente de minha carência do que de meu egoísmo. Então, percebo no mesmo instante o quanto sou orgulhoso. Não posso fugir da realidade

de minha própria natureza corrupta e posso vê-la na forma de minha recusa arrogante em confiar. Não permito que pessoa alguma veja minha verdadeira carência. Claro que me queixo de como as pessoas me tratam e reclamo de todas as pressões que sofro e de como me sinto sozinho, mas me recuso a dizer simplesmente: “Estou sofrendo. Você pode passar um tempo comigo? Você pode me ouvir enquanto abro meu coração?” E se ninguém responder?

Encarar esse medo me ajuda a perceber que, em seu cerne, o egoísmo é uma forma de autodefesa. Nossa prioridade é ter certeza de que ninguém pode nos magoar. A melhor maneira de fazê-lo é jamais ficar inteiramente vulnerável.

Esse é o primeiro mandamento do raciocínio decaído: *Não confie em ninguém e você viverá*. O segundo é parecido: *A fim de fazer a vida dar certo, confie apenas em si mesmo e naquilo que você pode controlar*.

A diferença entre uma criancinha e um adulto é a seguinte: uma criancinha comunica sua impotência involuntariamente e sua vulnerabilidade é evidente. Como adultos, podemos esconder o quão desesperados estamos por alguém que se importe. As outras pessoas não verão claramente nossas necessidades mais profundas, a menos que tomemos a decisão de revelá-las. A semente da autodefesa já se encontra presente na criança; no adulto, porém, é uma erva daninha plenamente desenvolvida.

Minha neta nasceu com uma infecção que ameaçou sua vida. As necessidades dela eram claras e, sem o devido cuidado, ela teria morrido. Em meio à crise, não havia indício algum de que ela sequer sentia o mais tênue impulso de dar alívio aos seus pais assustados com um sorriso ou uma piscadela de seu olhinho cansado. Simplesmente não fazia parte dela se preocupar com aquilo que qualquer outra pessoa estava sentindo. Suas lágrimas eram sempre por si mesma, por sua *dor*, e nunca por seu pai ou sua mãe.

No entanto, ao observá-la recebendo os cuidados necessários, tanto de funcionários competentes do hospital como de seus pais maravilhosos, vi uma certa beleza – não apenas naqueles que estavam cuidando dela, mas na criancinha vulnerável que recebia os cuidados. Sua carência não me ofendeu. Assim como o sol que se levanta acima das campinas, é certo, dentro da ordem natural das coisas, que um cãozinho com a perna quebrada seja carregado por uma criança. Tanto dar quanto receber são gestos lindos.

Sem dúvida, é melhor dar do que receber. Mas para adultos carentes que, nesse sentido, são como criancinhas doentes, algo de valor deve ser recebido antes que qualquer coisa de valor possa ser dada. Receber sempre vem antes de dar – e isso nunca muda. Nunca somos velhos demais para receber. É algo belo testemunhar uma atitude de humildade receptiva.

Talvez eu seja humilde. Os seis amigos na minha lista são pessoas que me dão algo de que preciso. Não estou errado ao receber delas, e nem ao apreciá-las por aquilo que recebo. Se, porém, não dou da abundância que recebi, então estou errado. E se *exijo* receber em vez de admitir minha carência e suplicar apenas por misericórdia, então estou errado. Nesse caso, não sou humilde.

Mas não estou errado por ter uma lista de amigos mais queridos que inclui pessoas com as quais posso contar, e, se estiver ao alcance delas, suprirão aquilo que verdadeiramente desejo e preciso.

Sonhos nobres

O que me leva ao meu problema com Deus. Nós, evangélicos, falamos sobre ter um relacionamento pessoal com Jesus. Apresentamos a possibilidade de um excelente relacionamento com ele. Se surge nessa relação alguma dificuldade inesperada ou se uma tensão se desenvolve dentro dela, sabemos que é sempre por nossa causa. Desde pequeno, ouço as pessoas dizerem: “Se você não está se sentindo próximo de Deus, adivinhe quem se afastou?” A mensagem é clara: toda dificuldade em nosso relacionamento com Deus é sempre criada por nós. Nunca a culpa é dele.

No entanto, especialmente depois que entrei na casa dos cinquenta, essa mensagem nem sempre me pareceu tão óbvia. Passei por algumas fases muito difíceis e, em meio a elas, assumi a postura de uma criancinha (ou pelo menos penso que o fiz). Mas em diversas ocasiões, incluindo algumas tribulações extremamente dolorosas, Deus não fez aquilo que eu esperava que um bom amigo faria, especialmente um amigo que tem os recursos para fazer um bocadinho de coisas.

Vários amigos meus sentem a mesma coisa.

Ainda hoje pela manhã, Carl me contou que há anos tem suplicado a Deus para tornar seu anseio pela santidade mais intenso que sua avidez pela pornografia. Até agora, isso não aconteceu. Ele luta diariamente contra a tentação e, muitas vezes, sai perdendo.

Em seu íntimo, Suzanne gostaria de ter ficado com sua carreira promissora na área de marketing. Ela tem 52 anos de idade e seu marido, Joe, tem compulsão pelo trabalho, além de ser um homem emocionalmente entorpecido e ausente; seus três filhos, por sua vez, são mais decepção do que alegria. Suzanne sabe que Deus poderia ter providenciado para que ela nunca tivesse se encontrado com Joe. Ela teria ficado na empresa que agora está indo tão bem. Deus poderia ter feito as coisas de um outro modo, mas não foi o que fez.

Peter não conheceu seu pai. Quando teve um encontro com Cristo, aos 22 anos de idade, descobriu seu anseio por ter um vínculo de amizade com um homem mais velho. Esperava encontrar essa pessoa em seu novo círculo de amigos cristãos. Mas até agora não encontrou.

Peggy tem 38 anos e é solteira. Tem um bom emprego, gosta do seu cachorro e é uma pessoa ativa. Sempre que assiste um filme no qual um homem conquista o amor de uma mulher, ela chora. Uma parte profunda de seu coração continua intocada. Ela se pergunta por que Deus não lhe dá um homem de caráter que a deseje; ou então, por que não a ajuda a se sentir mais realizada em Cristo. Até hoje, ele não fez nem uma coisa nem outra.

Mark sempre quis ser professor universitário. Quando seu pai morreu, ele deixou a faculdade para sustentar sua mãe e seus quatro irmãos mais novos. Começou a trabalhar na área de vendas e ganhou muito dinheiro. Agora, aos 57 anos, tem um casamento feliz, seus dois filhos estão bem casados e estabelecidos e Mark tem a possibilidade de se aposentar mais cedo. Ele ainda sente uma dor em seu coração quando sonha com uma sala de aula numa pequena faculdade. É um sonho que nunca irá realizar. Quando, no domingo passado, o pastor de sua igreja pregou sobre “A Coragem de Sonhar”, Mark disse à sua esposa que não estava se sentindo bem e saiu.

É suficientemente difícil desenvolver um relacionamento com um Deus *invisível*, um Deus de voz inaudível, que não existe como a voz de um amigo ao telefone. Mais difícil ainda é sentir-se próximo de um Deus *indiferente*.

Cerca de um ano atrás, mencionei para o meu filho que mora em Denver que minha garagem bagunçada estava me dando nos nervos cada vez que ia estacionar o carro e que não tinha tempo de arrumá-la. Perguntei se ele poderia me ajudar. Ele passou boa parte do dia seguinte deixando minha garagem mais organizada do que ela jamais havia ficado. Esse meu filho está na lista dos meus seis amigos mais preciosos. Os meus dois filhos estão. Eles atendem às minhas necessidades.

Domingo passado, minha esposa ficou o dia inteiro em sua poltrona na sala pois distendeu um músculo nas costas de tal maneira que qualquer movimento gerava uma dor excruciante. Quando eu a vi se encolher e gemer ao mudar a posição do cobertor, ajoelhei-me ao lado da poltrona e pedi a Deus que tirasse sua dor. Ele não o fez. Poderia ter feito, mas não o fez. Se um de meus filhos tivesse o poder de acabar com o sofrimento dela, teria feito isso, e eu também.

Às vezes, Deus parece ser meu amigo mais insensível. Nunca me ocorreu colocá-lo em minha lista. O nome *Jesus* não apareceu em meu envelope pardo.

Meu problema com Deus vai muito além da dor muscular nas costas da qual eu esperava que minha esposa se recuperasse com o tempo. (E, de fato, ela se recuperou sem qualquer ajuda mais evidente do céu.) Meu verdadeiro problema com Deus fica claro quando sonhos que venho nutrindo há muito tempo e que estimo profundamente são destruídos e ele não faz coisa alguma sobre isso. Tratam-se de sonhos *nobres*. Não são sonhos de riqueza e fama, mas de boa saúde para aqueles que amo e bons relacionamentos entre familiares e amigos.

Muitos dos seus sonhos também são nobres. Você deseja desfrutar sua vida em família. Anseia por trabalhar em algo que goste, um emprego que lhe dê a oportunidade de fazer aquilo que é importante para você e deseja ser valorizado por isso. Você não está pedindo uma saúde de ferro ou toneladas de dinheiro. Mas um acidente no dia depois do vencimento do seguro do seu carro, seguido da notícia de que sua esposa está com síndrome de fadiga crônica – aí já é demais. Você quer servir a Deus como missionário, mas não

consegue levantar o sustento de que precisa a fim de ir para o trabalho de campo. Seus sonhos são nobres. Você está fazendo o seu melhor para confiar em Deus, mas as coisas não estão indo para a frente.

Depender de um Deus que não responde em meio a sonhos que vão se desintegrando é algo que pode ter um forte impacto sobre a fé. Relacionar-se pessoalmente com um Deus que é mais apático do que amigos com muito menos recursos não é nada fácil.

O que, exatamente, Deus está fazendo com todo o seu poder? Em algum ponto de sua vida cristã você será obrigado a reconhecer que Jesus não foi incluído na sua lista de amigos atenciosos e estimados. Mais cedo ou mais tarde, sonhos importantes para você serão destruídos. Alguns ficarão para sempre despedaçados. Deus não colará os fragmentos de todo sonho que sofre um acidente em sua vida.

O divórcio será levado a cabo, o câncer tomará a vida de um ente querido e o mal de Alzheimer não será detido (que dirá revertido) pela droga mais moderna no mercado. A amizade rompida não será restaurada, apesar de todas as suas tentativas de reconciliação. Seu casamento não será inteiramente satisfatório, por mais conselheiros que você consulte ou por mais palestras que você assista. O fato de ser solteiro se tornará um fardo insuportável. O ministério que estava nascendo nunca chegará a se desenvolver. A renda perdida não será substituída por dinheiro derramado das comportas do céu.

Você se sentirá triste por um longo tempo; o túnel escuro se estenderá sem qualquer luz visível no final. Seu espírito de aventura dará lugar aos deveres enfadonhos. Você se sentirá a mais miserável das criaturas. Seu sonho de se sentir vivo, cativado pela beleza e intensamente livre dará seu último suspiro.

E Deus não fará coisa nenhuma sobre isso tudo por um longo tempo. Talvez até você chegar ao céu.

Em se tratando de Deus, é justamente esse o problema. E, no entanto, ele é nosso amigo mais atencioso. Ele insiste que, depois de nos dar seu Filho, jamais negaria qualquer coisa boa.

Então, por que Deus não cura minha mãe do mal de Alzheimer? Por que não alivia as dores nas costas da minha esposa? Por que não coloca na linha meu filho avoadado e lhe dá algum rumo? Por acaso essas coisas não seriam

boas para nós? Por que ele não providenciou para que você conseguisse ter os estudos que desejava ou não o conduziu numa direção que lhe faria feliz?

Quando vemos as coisas da forma correta, então escreveremos o nome dele em letras maiúsculas no alto de nossa lista de amigos e, juntamente com os anjos, nos curvaremos diante dele em adoração e reverência – e também esperança. Creio nisso.

Mas ver as coisas da forma correta dá trabalho. Como podemos escrever o nome de Deus no alto da lista como nosso amigo mais maravilhoso, sensível e atencioso quando nossos sonhos mais preciosos são destruídos e ele não faz nada? Essa é a pergunta que tentarei responder neste livro.